



Data: 10.07.2020

Título: Descobertas três novas espécies de serpentes em Angola

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;29



Biodiversidade
Descobertas três
novas espécies de
serpentes em Angola
Ciência, 29

Área: 691cm² / 36%

Tiragem: 72.253

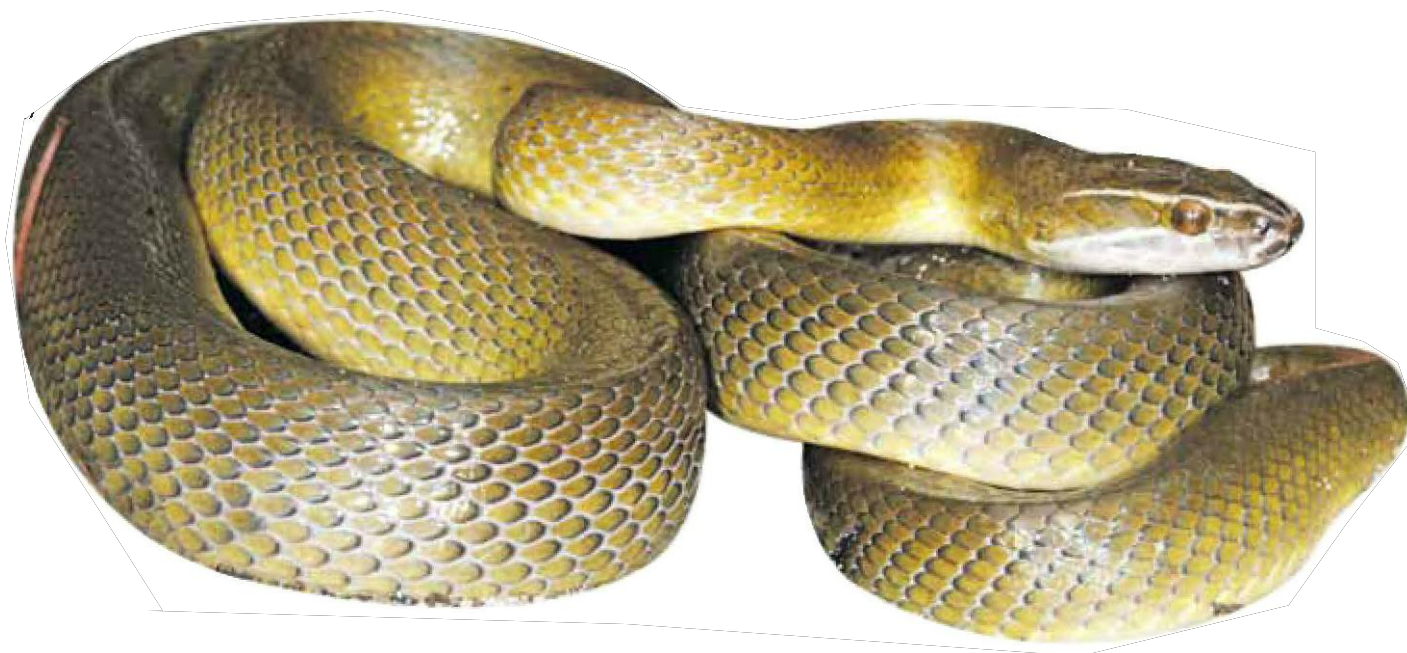
FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6892490

Descobertas três serpentes em Angola que entram nas casas

Nomes científicos das espécies de serpentes novas para a ciência homenageiam três biólogos: os portugueses Barbosa du Bocage e Fernando Frade e o sul-africano William Branch



Biodiversidade Teresa Firmino

Chamam-lhes “serpentes das casas africanas” e a razão é simples: “São das serpentes mais abundantes no continente africano, comuns em casas e totalmente inofensivas para o ser humano”, conta o biólogo Luís Ceríaco, curador-chefe do Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto e que faz parte de uma equipa internacional que anunciou ontem a descoberta de três espécies novas para a ciência na revista *African Journal of Herpetology*. “Alimentam-se de ratos e osgas e têm como característica comum a presença de uma lista mais clara no focinho, passando pelos olhos até à nuca, tipo mascarilha.”

Até agora, para Angola, eram conhecidas apenas quatro espécies de serpentes das casas africanas (a

Boaedon angolensis, *Boaedon fuliginosus*, *Boaedon olivaceus* e *Boaedon variegatus*).

Com este trabalho, foi possível rever o conhecimento sobre este género de serpentes graças a exemplares recolhidos em novas expedições científicas pelo território angolano, bem como à revisão de exemplares históricos guardados em museus de história natural europeus norte-americanos e angolanos. Importante também na identificação acrescenta Luís Ceríaco, foi o uso de análises genéticas. Além de Portugal, o artigo é assinado por investigadores da Alemanha, Suíça, África do Sul e Estados Unidos.

A lista cresce agora para um total de nove espécies do género de serpentes *Boaedon* presentes em Angola. A história deste

genero, que começou a ser descrita em meados do século XIX, é confusa e representa um desafio para a comunidade científica.

Entre os cinco acrescentos à lista das espécies presentes em Angola – *Boaedon virgatus*, *Boaedon mentalis* e *Boaedon bocagei*, *Boaedon branchi* e *Boaedon fradei* –, encontram-se então as três novas para a ciência. Se as *Boaedon virgatus*, *Boaedon mentalis* já eram conhecidas da República Democrática do Congo (mas não de Angola), as *Boaedon bocagei*, *Boaedon branchi* e *Boaedon fradei* são uma novidade científica mundial.

As três novas serpentes inofensivas para os seres humanos apresentaram algumas curiosidades dignas de nota.

“A *Boaedon bocagei* é endémica da região de Luanda. Numa metrópole

com milhões de habitantes, ainda se descobrem espécies novas para a ciência”, começa por sublinhar Luís Ceríaco. Parte do nome científico desta serpente de cor alaranjada, com duas listas brancas grossas a fazer de mascarilha na zona dos olhos, é uma homenagem a José Vicente Barbosa du Bocage (1823-1907), fundador dos estudos herpetológicos em Angola. Como nome comum desta espécie, a equipa propõe “serpente-castanha-de-bocage”.

“Os espécimes-tipo incluem espécimes colectados pela minha equipa em 2016, no Parque Nacional da Quissama [a 70 quilómetros de Luanda], mas também espécimes colectados pelo naturalista português Francisco Newton em 1903, numa expedição feita para a Academia Politécnica do Porto (precursora da actual Universidade do Porto) e ainda hoje presentes nas colecções do Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto”, relata o biólogo. “Isto demonstra a importância das colecções de história natural para o estudo actual da biodiversidade.”

O zoólogo Fernando Frade

Já a *Boaedon branchi*, cujo nome comum proposto é “serpente-castanha-de-branch”, é endémica da província do Cuando-Cubango, no Sudeste de Angola. “Foi colectada durante as expedições da National Geographic ao Okavango. É dedicada ao herpetólogo sul-africano William Branch, que faleceu em 2018, e que nos últimos anos tinha trabalhado bastante em Angola.”

Por fim, a *Boaedon fradei* é endémica do Sudoeste de Angola e também parte da Zâmbia e da República Democrática do Congo. É dedicada ao zoólogo português Fernando Frade (1898-1983), antigo director do Centro de Zoologia do Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT) e que tinha apanhado exemplares desta nova espécie agora descrita. “Fernando Frade colectou

alguns dos espécimes que usámos para a descrição da espécie.” Hoje esses exemplares, que se encontram no Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa, demonstram “a importância das colecções históricas para o estudo da biodiversidade actual”, nota Luís



No topo, o biólogo Luís Ceríaco em Angola; em baixo, o zoólogo Fernando Frade; e a espécie que recebeu o nome deste cientista, a serpente-castanha-de-frade

Ceríaco. “As suas contribuições para a zoologia africana, especialmente das antigas colónias portuguesas em África, estão espalhadas por dezenas de artigos científicos e monografias e o seu nome é homenageado no

nome de diversos *taxa* [unidades de classificação científica] de invertebrados”, lê-se no artigo científico, que assim propõe como nome comum “serpente-castanha-de-frade” para a *Boaedon fradei*.

“Uma curiosidade”, menciona ainda o biólogo: “Fernando Frade foi o primeiro zoólogo no mundo a afirmar que existiam duas espécies distintas de elefantes em África (a *Loxodonta africana*, o elefante da savana; e a *Loxodonta cyclotis*, o elefante da floresta) – algo que só muito recentemente se confirmou através de dados moleculares”.

O trabalho de Luís Ceríaco nestes últimos anos, sempre em colaboração com o Instituto da Biodiversidade e Áreas de Conservação, do Ministério do Ambiente de Angola, tem vindo a aumentar o conhecimento sobre os répteis e anfíbios daquele país. Por exemplo, em Março do ano passado, foi um dos autores do primeiro atlas dos anfíbios e répteis de Angola em mais de 120 anos, ao lado de Mariana Marques (do Centro de Estudos em Biodiversidade e Recursos Genéticos da Universidade do Porto e do Museu de História Natural e da Ciência de Lisboa), David Blackburn (do Museu de História Natural da Universidade da Florida) e Aaron Bauer (da Universidade de Villanova, nos EUA).

É também um dos autores da descoberta em Angola de um sapo sem ouvidos, publicada em 2018, ou de três novos lagartos-espinhosos, publicada em 2016. Já no início deste ano, descreveu duas osgas (a *Hemidactylus nzingae* e *Hemidactylus paivae*) e uma lagartixa (*Panaspis mossamedensis*). “Mais seis espécies de répteis e anfíbios já se encontram em processo de publicação e muitas outras em processo de escrita.” O rol de novidades promete, portanto.

teresa.firmino@publico.pt